

O Jornalismo Literário como Berço Espiritual do Perfil Jornalístico¹

Renata CARRARO²

RESUMO

O texto traz para a discussão com os pares da Intercom uma síntese de parte de um dos capítulos da tese intitulada “Narrar é preciso: uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico”, defendida pela autora na Universidade Metodista de São Paulo, em 2019. No capítulo da tese, como aqui, o gênero jornalístico do perfil é inserido no ambiente intelectual/espiritual do Jornalismo Literário, o que se dá, em suas origens e até os dias de hoje, nas páginas da mais famosa revista de jornalismo do mundo, a *The New Yorker*, a que, na tese e em outros textos, dou o nome de “berço material do perfil jornalístico”. O método descritivo empregado se orienta basicamente pelas propostas de entendimento dos autores brasileiros Sergio Vilas-Boas, Edvaldo Pereira Lima e Monica Martinez, entre os principais.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; perfil jornalístico; Jornalismo Literário; Renata Carraro; Intercom 2020.

Em seu famoso, muitas vezes citado e recitado “*Frank Sinatra has a cold*” (“Frank Sinatra está resfriado”), Gay Talese utiliza “uma importante técnica da *creative nonfiction* [...] o detalhe íntimo e específico”, escreve Sergio Vilas-Boas (2002, p. 96), indicando a possibilidade de o autor do perfil, de um certo modo, mergulhar *na alma* do seu personagem.

O estudioso brasileiro busca suporte em Lee Gutkind, que na obra *Creative nonfiction journal* (apud Vilas-Boas, 2002, p. 96) considera esse olhar para a intimidade do personagem “uma distinção-chave no uso do detalhe ao elaborar boas cenas”. Ainda segundo Gutkind, de novo como citado por Vilas-Boas, “íntimo significa registrar e apontar o detalhe que o leitor talvez não conheça ou sequer imagine sem a sua particular visão de dentro”. E Gutkind conclui: “Às vezes, o detalhe íntimo pode ser tão específico e especial que se torna inesquecível na mente do leitor”.³

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professora do curso de jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de São Paulo. E-mail: renata.carraro@espm.br.

³ Inversão do “apud”, ou do “autor citado por outro autor”: mais do que preguiça intelectual, os vários “apuds” utilizados por mim neste texto prestam um crédito aos autores brasileiros, reconhecidos todos eles na área de pesquisa do jornalismo e, especificamente, do Jornalismo Literário, e, ainda, dentro do Jornalismo Literário, o perfil jornalístico. O pesquisador não deveria precisar inventar sempre de novo a

Essa breve incursão pelo território da *creative nonfiction*, descrevendo inicialmente a técnica, ou, quem sabe?, a arte do mergulho na intimidade do personagem, constitui uma primeira e, como me parece, interessante aproximação a algumas ideias centrais que emolduram o campo da produção de perfis jornalísticos. Como pretendo argumentar, se é verdade que os Estados Unidos e muito particularmente a revista *The New Yorker* representam algo assim como um berço material dessa produção, pode ser também considerado verdade que o Jornalismo Literário, em suas diferentes acepções e nomenclaturas, merece ser contemplado como o mais autêntico berço espiritual desse mesmo perfil.

Em síntese ainda muito provisória, o que este artigo sugere e aponta é que o perfil jornalístico nasce e floresce, com muito maior vigor, distante – e essa distância pode ser maior ou menor, mas em geral é grande – em relação àquilo que se poderia chamar, como o faz Edvaldo Pereira Lima, de “jornalismo convencional ou tradicional” (LIMA, 2009, p. 352) – menor ou maior distância em relação àquilo que Gay Talese, no prefácio a *Fama e anonimato*, chama de “jornalismo à moda antiga” (TALESE, 2004, p. 9).

Este artigo traz uma síntese da primeira parte do capítulo “O berço espiritual e material do perfil jornalístico”, o segundo da tese intitulada “Narrar é preciso: uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico”, defendida pela autora na Universidade Metodista de São Paulo, em 2019 (CARRARO, 2019). Por “berço material” se entende o papel desempenhado pela mais famosa revista de jornalismo do mundo, a *The New Yorker*. Foi ali que o gênero do perfil ganhou o estatuto de cidadania, tendo ali recebido esse nome e também encontrado o mais fértil ambiente possível para a sua promoção.⁴

Algumas breves notas iniciais sobre o Jornalismo Literário compõem a primeira das três partes em que se divide este artigo. O subtítulo seguinte trata das principais técnicas de redação e estilo desse modo de produção de informação de atualidade. Num e noutro caso, ainda que de forma breve, se prepara o ambiente para o que Edvaldo Lima chama de “princípios filosóficos do Jornalismo Literário (LIMA, 2009), uma bela

roda. Talvez não precisemos dizer, como Isaac Newton, que “trabalhamos sobre ombros de gigantes”, mas, para além do argumento da preguiça, me parece justo e nobre dar o crédito a quem fez por merecê-lo. O mais arguto pesquisador, baixando das nuvens da arrogância, será capaz de reconhecer que pesquisa é uma tarefa coletiva, e que ninguém terá tempo de ler tudo quando precisaria para dar um passo à frente no campo de suas preocupações no ensino e na pesquisa.

⁴ Não vejo como não remeter o leitor e a leitora interessados aos conteúdos mais amplos da própria tese (CARRARO, 2018), que se encontra no prelo pela Editora Appris para lançamento ao final do primeiro trimestre de 2021.

elaboração brasileira do ambiente espiritual, teórico e prático, em que queremos situar historicamente o melhor do gênero do perfil jornalístico.

BREVES NOTAS SOBRE O JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário possui esse nome porque “ao longo de seu desenvolvimento importou técnicas narrativas da literatura de ficção, adaptando-as para a história da vida real” (LIMA, 2009, p. 352). A “tipologia narrativa” do Jornalismo Literário “abrange a reportagem, textos biográficos e o ensaio” (LIMA, 2009, p. 352), sendo que os textos biográficos apresentam “uma outra vertente já bastante tradicional no Jornalismo Literário: o perfil” (LIMA, 2009, p. 427).

Como lembra Lima, o perfil jornalístico, essa vertente dos textos de natureza biográfica que “retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias”, cresceu e amadureceu como gênero na revista “*The New Yorker*, desde a década de 1920” (LIMA, 2009, p. 427).

O fenômeno conhecido como “novo jornalismo”, nos Estados Unidos, nas décadas de 1960 e 1970, representa, para Lima (2009, p. 352), “a fase histórica do Jornalismo Literário”, o que significa, sempre na visão desse autor, que o Jornalismo Literário traduz um fenômeno que vem de mais longe e atravessa esse período áureo para chegar com a sua ousadia até aos nossos dias.

Com o tempo, o que Lima e outros autores, dentro e fora do Brasil, chamam de Jornalismo Literário “receberia outros sinônimos adicionais” – além de “literatura da realidade”, expressão usada por Gay Talese para qualificar o que ele mesmo considerava que fazia no jornalismo –, “como jornalismo narrativo e literatura criativa de não-ficção” (LIMA, 2009, p. 254).

A rica e fértil proximidade – mais que um namoro, um verdadeiro casamento – entre o perfil jornalístico, a literatura e a arte – o que quer dizer praticamente a mesma coisa que fértil proximidade com o Jornalismo Literário –, em geral, se deixa entrever em muitos e frequentes espaços onde autores e pesquisadores costumam narrar as virtualidades da narrativa jornalística em sua mais forte e produtiva inspiração pela arte. Ocorre, por exemplo, com Vilas-Boas (2014, p. 271), quando ele dá o título de “A arte

do perfil” ao ensaio que traça o que em sua visão representa os contornos desse gênero de escrita jornalística.

O mesmo acontece quando outro autor, Humberto Werneck, no posfácio à obra *Vultos da República: os melhores perfis políticos da Revista Piauí*, que ele organizou (WERNECK, 2010), fala, já no título, da “Arte & manhas do perfil jornalístico”. Ou, ainda e por fim, quando Mateus Yuri Passos (2017), no prefácio que escreveu para *Elas amam o que fazem: perfis de mulheres jornalistas* (CARRARO, 2017), fala dos “Perfis: jornalismo enquanto arte”.

O cultivo de um texto “atraente, instigante, chamativo” constitui uma máxima importante do Jornalismo Literário, o que não dispensa, antes exige, o cuidado com a exatidão e a precisão possíveis da informação – e exatidão e precisão é justamente um dos “princípios filosóficos” desse modo de prática jornalística apontados por Lima, como iremos ver adiante.

“O conteúdo é criteriosamente estruturado, sólido de informação, pelo rigor da exatidão e da precisão, mas a apresentação deve ser cativante”. Para isso, o Jornalismo Literário “emprega recursos narrativos comprovadamente eficientes, muitos deles importados da arte literária de ficção, testados por romancistas, novelistas, contistas”, escreve Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 368).

Lima (2009, p. 368) chama a atenção para o fato de que o emprego desses recursos literários “deve estar associado às questões técnicas puramente narrativas, de organização, estruturação e condução do texto”, não podendo o autor enveredar pelos caminhos da pura e simples ficção, devendo “as licenças poéticas de criação e imaginação de conteúdos” – como lembramos mais adiante, no item referente à exatidão e à precisão – “permanecer reservadas à arte ficcional” (LIMA, 2009 p. 368).⁵

⁵ Para uma abordagem ampla do Jornalismo Literário, recomendo, entre os autores brasileiros, além de Edvaldo Pereira Lima com *Páginas ampliadas* (LIMA, 2009), Monica Martinez, com *Jornada do herói: estrutura narrativa mítica para a construção de histórias de vida em jornalismo* (MARTINEZ, 2008), e principalmente com *Jornalismo literário: tradição e inovação* (MARTINEZ, 2016). Entre as obras mais recentes publicadas fora do Brasil pode-se sugerir *True stories: a century of literary journalism*, organizada por Norman Sims, que, além de reimprimir cinco “*seminal pieces*” do Jornalismo Literário (textos de John dos Passos, Edmund Wilson, Joseph Mitchell, Michael Paterniti e Adrian Nicole LeBlanc), traz uma seleção de trabalhos do Jornalismo Literário produzidos desde os anos 1890 e, mais, uma bibliografia especializada sobre o tema (SIMS, 2007). Uma segunda obra é *Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences*, organizado por John S. Bak e Bill Reynolds (BAK; REYNOLDS, 2001), que traz um capítulo redigido por Edvaldo Pereira Lima, “*A century of nonfiction solitude: a survey of brazilian literary journalism*” (BAK; REYNOLDS, 2001, p. 162). Sobre o perfil jornalístico em sua

QUATRO TÉCNICAS PRINCIPAIS

Mas voltemos ao comentário inicial de Vilas-Boas sobre a “sabedoria” de Gay Talese quando o legendário, ainda que vivo, jornalista, repórter e autor estadunidense elege para a construção de seu famoso perfil sobre Frank Sinatra resfriado a técnica do “detalhe íntimo e específico”. O autor observa que esta é uma das técnicas utilizadas por Talese, “além das quatro principais exemplificadas no capítulo ‘*Creative nonfiction*’” (VILAS-BOAS, 2002, p. 96), que são as seguintes: a) Construção cena a cena, b) Diálogos, c) Alternância de foco narrativo, e d) Reconstituição minuciosa (VILAS-BOAS, 2002, p. 83).⁶

Vilas-Boas busca em *Páginas ampliadas*, edição original de 1993, o significado disso que Lima chama ali de “cena presentificada da ação”, que, nas palavras de Vilas-Boas (2002, p. 83), “consiste no relato detalhado do acontecimento à medida que ele se desenvolve, desdobrando-o ao leitor, como em uma projeção cinematográfica”. A vida se apresenta ao leitor em desenvolvimento, em forma de cenas, como observa Lima (apud VILAS-BOAS, 2002, p. 83), “não necessariamente empregando o tempo verbal no presente”.

A técnica dos diálogos, por sua vez, traz à lembrança o nome de Tom Wolfe,⁷ um dos principais teóricos do novo jornalismo, autor de *The new journalism*, lançado em 1973. Wolfe dizia, de novo nas palavras de Vilas-Boas (2002, p. 84), “que diálogos realistas (*realistic dialogues*) envolvem o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso de estilo”.

“Wolfe admitia que a construção cena a cena e diálogos até que podiam funcionar melhor no cinema”, escreve Vilas-Boas (2002, p. 86). O mesmo não aconteceria com as duas outras técnicas, a da alternância de pontos de vista e a das reconstituições minuciosas

relação com a arte literária, ver *Profile pieces: journalism and the “Human Interest” Bias*, editado pelos professores Sue Joseph e Richard L. Keeble (JOSEPH; KEEBLE, 2016).

⁶ Monica Martinez, em texto que se ocupa com Joseph Mitchell, “o jornalista que sabia escutar”, traz um longo trecho de Tom Wolfe de resumo dos conteúdos principais das quatro técnicas, assim nomeadas pelo teórico do *New Journalism*: construção cena a cena, reconstrução de diálogos completos, ponto de vista de terceira pessoa e descrição do status de vida da pessoa (MARTINEZ, 2016, p. 175-176).

⁷ Pode ser aconselhável ler Tom Wolfe com um certo pé atrás, pois a conceituação de novo jornalismo dele tenta romper com o que outros repórteres de jornalismo literário faziam anteriormente, dando a entender que era algo novo, não vinculado à tradição de uma prática. Wolfe chegou a publicar textos de sátira à *The New Yorker* pouco antes, qualificando os repórteres e editores da revista como “múmias”.

de época, “porque os cineastas fracassavam ao tentar entrar na mente de seus personagens, não conseguindo o efeito desejado”.

“Pela via escrita, ao contrário, segundo Wolfe, o autor pode descrever em detalhes e conduzir o leitor a compreender por que as descrições (e os detalhes), naquele exato momento, são oportunas e valiosas. Tudo isso deve parecer natural para quem lê.” De acordo com Wolfe (apud VILAS-BOAS, 2002, p. 86), a técnica consiste em “apresentar cada cena ao leitor por meio dos olhos de um personagem particular, dando àquele a sensação de estar dentro da mente do personagem”.

Por fim, a reconstituição minuciosa, que Vilas-Boas (2002, p. 88), assim descreve:

Trata-se de reconstruir cenários, gesticulações, hábitos, maneiras, mobiliário, vestuário, decoração, estilos de viajar, comer, arrumar a casa; o modo de educar as crianças, tratar os empregados, os superiores; sem esquecer, claro, observações, poses, modos de caminhar e outros detalhes simbólicos que a cena ou a época possam conter.

O próprio Tom Wolfe dá a esse recurso o nome de descrição de status de vida, segundo ele, o menos entendido de todos pelos críticos, por seu caráter simbólico. A expressão “status de vida da pessoa”, de acordo com Wolfe (apud MARTINEZ, 2016, p. 176), deve ser usada “no sentido amplo de todo o padrão de comportamento e posses por meio do qual a pessoa expressa sua posição no mundo ou que ela pensa que é o seu padrão ou o que gostaria que fosse”.

O uso desse recurso simbólico situa o relato na esfera do realismo, com um efeito vinculador dos mais importantes junto aos leitores, uma vez que “dispara as lembranças que o leitor possui de seu próprio status de vida, de suas ambições, inseguranças, prazeres, desastres, mais as mil e uma humilhações e *coups* da vida cotidiana”, assinala Wolfe (apud MARTINEZ, 2016, p. 176).

CONTAR UMA HISTÓRIA HUMANA, COMPREENSIVA

O mais simples e elementar conhecimento do perfil jornalístico por parte de quem quer que seja irá revelar, sem qualquer grande dúvida, o imbricamento da história do perfil jornalístico com o Jornalismo Literário. Difícil encontrar qualquer exemplo de perfil que fuja desse ambiente espiritual, ainda que o seu autor possa apreciar a discussão sobre nomenclaturas, eventualmente até discordando de se dar o nome de Jornalismo Literário ao jornalismo que efetivamente faz. Não é o nome o que mais interessa. Por isso

prefiro chamar de “berço espiritual”, para pensá-lo mais como um ambiente, um campo semântico, uma experiência, e não tanto como um conceito.

E como caracterizar esse “berço”, ambiente espiritual, campo semântico ou mundo da prática? A tarefa já foi cumprida, de modo exemplar, por Edvaldo Pereira Lima (2009), para quem eu tenho o prazer de abrir um generoso espaço neste artigo, como prova do meu apreço ao esforço do jornalista, pesquisador e autor brasileiro que ele representa e também é.

Dez são os princípios que orientam a produção do Jornalismo Literário, segundo Lima. Nenhuma dificuldade deve existir, por parte de teóricos e pesquisadores da área de jornalismo, em reconhecer que esses mesmos princípios, ou vários deles, não apenas se aplicam ao Jornalismo Literário e, por extensão, à arte do perfil jornalísticos. Do modo como os vejo, podem ser entendidos, alguns mais e outros menos – para se ressaltar o que poderia ser discutido como próprio ou mais aderente ao Jornalismo Literário, uma discussão que não posso fazer aqui –, como exigências que se coloca ao próprio exercício histórico do jornalismo em sua melhor forma de expressão.

Com o seu primeiro princípio, da “**exatidão e precisão**”, Lima responde no fundo aos críticos mais ferozes do Jornalismo Literário, que o veem às vezes como um jornalismo de faz de conta – ou que seus autores deturpam os fatos “para conseguir um maior efeito dramático” (TALESE, 2004, p. 9) –, Lima (2009, p. 355) coloca na ponta da lista das qualidades desse modo de fazer jornalismo a ideia geral básica da exatidão e da precisão, sem no entanto deixar de insistir no modo “criativo” e “cativante” como isso pode ser feito. E sem fechar ao mesmo os olhos para os excessos e as mazelas do Jornalismo Literário como de toda produção cultural humana. “O autor de Jornalismo Literário caminha sobre o perigoso fio da navalha onde um passo em falso pode pôr tudo a perder. A suspeita de incorreções graves rui a credibilidade de um autor e de uma obra” (LIMA, 2009, p. 368).

Com o segundo princípio, “**contar (uma) história**”, o autor lembra que o Jornalismo Literário insere-se com sua prática na tradição humana universal da “arte narrativa de se contar histórias”, que “existe desde que a humanidade organizou-se socialmente” (LIMA, 2009, p. 357). “Nossa propensão humana a contar histórias” acabou por ser artificialmente traída pelo jornalismo convencional, que busca “estruturar seu discurso de um modo considerado por muito tempo lógico, racional e objetivo”, menos

apreciado pelo leitor, uma vez que “o estilo narrativo corresponde a uma tendência natural humana, há milênios, que é contar e receber (ouvir, ver, ler) histórias” (LIMA, 2009, p. 358).

O foco no humano, ou “**humanização**”, o terceiro princípio, é uma das categorias que nos guiam e orientam de modo muito particular no estudo e análise da prática dos perfis jornalísticos. A humanização coloca “as pessoas como eixo da narrativa”. Sempre, “onde há a pessoa humana, pode haver uma história maravilhosa a ser contada”. De novo o tema do olhar: “O olhar e o escrutínio do autor é que fazem a diferença”, num exercício em que “a descoberta do tesouro escondido na pedra bruta exige tempo, paciência, determinação” (LIMA, 2009, p. 361).

O quarto princípio filosófico do Jornalismo Literário, a “**compreensão**”, aparece para Lima como o seu “propósito essencial”. A ideia de compreensão, tanto em seu sentido subjetivo quanto objetivo, cognitivo quanto ético, se deixa entender melhor em sua distinção em relação àquilo que Dimas A. Künsch, no interior do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método”,⁸ costuma chamar de “signo da explicação”.

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas (LIMA, 2009, p. 366).

UNIVERSALIZAÇÃO, ESTILO E VOZ AUTORAL, IMERSÃO

Fugindo, sempre e em todo lugar possível, dos cortes e recortes das editorias de jornal e de distintas (hiper-) especializações, que costumam redundar em enormes reducionismos, o quinto princípio, da “**universalização temática**”, traz para o debate o fato de que o Jornalismo Literário, “de modo bastante eficaz”, responde a essa fragilidade no instante mesmo em que o autor “está em busca, em qualquer assunto, dos temas que o tornam universal” (LIMA, 2009, p. 367). “O caminho mais comum para se alcançar essa universalidade é o aspecto humano”, defende Lima (2009, p. 367) – e com isso chamamos de novo a atenção para os modos como os dez princípios se inter cruzam, se fertilizam, criam um diálogo – ou plurólogo, como gosta de dizer Cremilda Medina – entre si. O que

⁸ Disponível em: www.dacompreensao.com.br. Acesso em 12 out. 2020.

numa determinada pauta ou num determinado perfil jornalístico conversa conosco, nos seduz e empenha é o que tem a ver conosco como gente, indivíduos, espécie humana.

“**Estilo próprio e voz autoral**”, o sexto princípio, evoca a ideia de que, atrelado ao real como condição básica no exercício do jornalismo, o texto precisa “comunicar com desenvoltura”. “Estilo próprio e voz autoral são qualidades indispensáveis, maturadas no árduo exercício progressivo de conquista de habilidade narrativa onde a arte está à mercê do conteúdo que a realidade disponibiliza ao autor” (LIMA, 2009, p. 368).

[...] Autor de Jornalismo Literário tem nome, rosto, corpo, cabeça, tronco, membros. Tem mente e coração. Pensa e sente. É um estudioso constante da realidade. Interpreta, avalia, busca unir os fios de compreensão que unem ações, pessoas, ambientes. Tem virtudes e defeitos. Enxerga coisas que pessoas menos exercitadas para contar histórias não enxergam (LIMA, 2009, p. 369).

Como “embaixador do leitor”, o repórter-mediador permite que esse leitor viva simbolicamente a experiência por meio da experiência dele, razão pela qual o que está em jogo é a “sinceridade narrativa” (LIMA, 2009, p. 370). Continuamos a abrir espaço para Lima em sua exposição dessa que é uma das marcas mais fortes – sem hierarquia de importância, no entanto – do Jornalismo Literário, e, por extensão, na direção do que estamos propondo, da própria produção de perfis jornalísticos:

A voz autoral significa que o leitor aceita a diversidade que marca as diferenças entre diversos autores. Jornalismo Literário não é um modo narrativo de textos iguais. Os princípios básicos – como os que estão sendo apontados neste texto – são os mesmos e o elenco de técnicas narrativas é único. Mas o modo de combinação desses elementos é exclusivo de cada autor. Essa diversidade é que o torna interessante para o leitor. Espera-se que o autor assuma sua postura própria, individual, que tenha uma marca pessoal diante da realidade, sua assinatura diante da vida. Espera-se que essa voz autoral traduza-se num estilo próprio, um modo também único de combinar os elementos da narrativa (LIMA, 2009, p. 371).⁹

⁹ Isso é tão verdade para a produção de perfis jornalísticos, que é quase impossível dissociar os mais famosos perfis de seus autores. Assim, como se verá na sequência entre os exemplos arrolados, “Frank Sinatra está resfriado” é Gay Talese, como *O segredo de Joe Gould* é Joseph Mitchell. “[...]e o perfil por fim se tornou a forma por excelência para se converter em texto fragmentos de vida que de algum modo tornam-se também parte de seus autores atrelando-se a seus nomes, a sua identidade enquanto escritores de não-ficção”, afirma Passos (2017, p. 25), citando como exemplos “o Ernest Hemingway glamoroso de Lillian Ross, o Frank Sinatra irritadiço de Gay Talese”.

O mergulho na realidade, a muito bem reprisada necessidade de o repórter “sujar os sapatos”, como propõe o sétimo princípio (“**imersão**”), aparece no Jornalismo Literário – e na arte de produção do perfil jornalístico – em toda a sua urgência, desde sempre e sobretudo em nosso tempo e em nossa cultura fundada cada vez mais nas maravilhas e também nas mazelas do virtual, com seus dispositivos eletrônicos. O “desde sempre” da frase anterior nos transporta até o final do século XIX, que é quando Lima (2009, p. 373-374) identifica “sinais claramente detectáveis” desse procedimento “básico na tradição do Jornalismo Literário [...], pelo menos no caso anglo-saxão”.

A imersão, de “modo radical” ou em sua versão “menos extremada” (*imersão soft*, como Lima gostaria de chamá-la), serve em todos os casos “ao objetivo de se investigar os padrões de comportamento dos personagens de uma história, para se compreender suas motivações, seus valores, a origem possível de determinadas atitudes, a consequência de uma postura”, assegura Lima (2009, p. 379), deixando de algum modo escrito nas entrelinhas como isso é verdadeiro e necessário quando se produz um perfil jornalístico, que traz em primeiro lugar, mais que “o personagem de uma história”, a história de um personagem.

OS SÍMBOLOS E A CRIATIVIDADE

A ousadia do Jornalismo Literário na tessitura dos sentidos dos fatos, situações e personagens do cotidiano, ou da contemporaneidade, se evidencia de modo bem particular e interessante na arte de trabalhar com os símbolos, como propõe o oitavo princípio (“**Simbolismo**”). Isso nos remeteria a uma discussão, que não pode ser levada em frente de modo mais profundo neste texto, sobre o que podemos chamar de lógica dura do positivismo, ou do paradigma científico moderno, que bate de frente com a lógica não lógica dos símbolos.

O pensamento científico dominante (melhor chamá-lo de cientificismo) procura manter distância das formas de linguagem que não se adequam ao poder da razão e da lógica que lhe convém. Despreza o pensamento mítico. Mantém fortes reservas frente a todas as artes, que costumam ser vistas não enquanto formas particulares de conhecimento, mas como mero entretenimento no trânsito com as subjetividades humanas.

Em suma, o pensamento científico moderno se dá mal com a linguagem dos símbolos. Ora, “por mais sensível, atento e perspicaz o autor, nem sempre é possível ou desejável narrar uma situação apenas com os dados factuais” (LIMA, 2009, p. 378) – no caso do perfil jornalístico, ceder ao império dos dados factuais com sua lógica representaria sem exceção um grande desastre.

Todo acontecimento é carregado de significados sutis, subjetivos. O mundo não é apenas concreto e factual. É também simbólico. Como o autor tem a missão de compreender sua história em pauta de maneira a mais completa possível, precisa estar atento aos significados que saltam dos fatos, ao sentido oculto cuja melhor forma de expressão nem sempre é o relato objetivo. Muitas vezes, a solução é utilizar outro dos princípios basilares do Jornalismo Literário, o **simbolismo** (LIMA, 2009, p. 378. Grifo do autor).

O exemplo apresentado desta vez por Edvaldo Pereira Lima é a visita ao zoológico de Sapucaia do Sul, região da Grande Porto Alegre, narrada por Eliane Brum em *A vida que ninguém vê* (BRUM, 2006). Depois do trecho que cita da obra, diz o autor:

O simbolismo ajuda a consolidar na mente do leitor a síntese, a imagem, o sentido de um acontecimento, pois se vale do discurso poético, do código visual. Os significados que não estão evidentes pelos fatos eu preciso ter tirocínio para entender, mesmo que o meu protagonista não consiga verbalizar. Meu compromisso, enquanto autor, é ler a realidade de maneira mais fiel possível. Isso exige flexibilidade mental assim como sensibilidade para se ver, no que está sutilmente disponível, a carga simbólica oculta. É o simbolismo que me permite fazer ponte entre um fato ou situação com seu sentido universal (LIMA, 2009, p. 379).

Aqui, de novo, é fácil observar a confluência entre os distintos princípios. No mundo do simbólico se torna patente a necessidade de um olhar atento “aos significados que não estão evidentes pelos fatos”, como expressa Lima, dando razão ao fazê-lo a Joseph Campbell que, a partir dos estudos do pensamento mítico, ressalta a necessidade de compreendermos a “gramática dos símbolos” (2007, p. 11).

Um dos meios privilegiados de emprego do simbolismo são as metáforas, um “recurso de linguagem que me permite substituir uma coisa por outra que ela não é, mas que todo mundo entende” (LIMA, 2009, p. 379). “E você entende, registra e grava na memória. E vai se lembrar, talvez, até muito tempo após ter lido o texto. Pois uma imagem

vale mais do que mil palavras”. Palavras com conteúdo imagético “impactam. Você nota. E o texto então vibra de vitalidade” (LIMA, 2009, p. 383):

Textos narrativos contêm mais do que palavras [...] e traços gráficos. Contêm cores, sabores, impressões, dimensões espaciais – largura, altura, profundidade –, objetos, volumes. Pensamentos. Emoções. Por isso o fazem vibrar. Por isso sensibilizam o seu sistema nervoso, estimulam sua mente, tocam suas entranhas. Quando fazem com habilidade, você se interessa. Você se encanta. Você é seduzido. Você aceita o convite, embarca na viagem. E lê o texto com prazer. Até o fim (LIMA, 2009, p. 383).

A “**criatividade**”, o nono e penúltimo pilar da boa narrativa jornalística sublinha a condição de autor, mediador, criador do repórter-escritor-jornalista. Manifesta, como em mais de um trecho, também aqui, a preocupação de Lima com a distinção entre jornalismo e literatura, no mesmo instante em que acentua a positiva e necessária aproximação entre ambas. O “escritor de realidade”, diz ele (2009, p. 384), não é um ficcionista, “que tem liberdade artística legitimada para criar mundos não-existentes, mesmo como referência ao real. Não pode nem deve, a rigor, forjar situações, desenhar cenários, fazer nascer personagens. Seu compromisso é com o real”.

A criatividade, no entanto, aparece como inegociável, numa relação direta com a tarefa básica de toda reportagem, que é comunicar. As “pérolas criativas” de que o repórter pode se utilizar, servem como lembra Lima (2009, p. 385) “ao propósito de iluminar novos caminhos para a compreensão do leitor, as que são preciosas na tarefa de manter a mente do leitor plugada no texto, não distante, gradativamente desinteressada”, escapando assim ao “risco de sua história ser abandonada no meio da leitura”.

RESPONSABILIDADE ÉTICA

Por fim, a “**responsabilidade ética**”, como o último dos princípios apresentados por Lima. Lima chama sempre de novo a atenção para o risco de palavras como *literário* e *criatividade* confundirem os espíritos. Não se trata, ele volta a bater sobre essa tecla, de “licença artística para se fazer o que se bem entende. Não é assim. O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso” (LIMA, 2009, p. 389). Há pelo menos três direções fundamentais em que o tema da responsabilidade ética se coloca, de forma particularmente intensa. Trata-se, na realidade, de três pactos assumidos pelo jornalista: com o leitor, com os personagens e consigo mesmo. O primeiro

deles, com o leitor, é explicitado por Lima (2009, p. 393) com os seguintes termos: o autor “mostra suas cartas, adota uma postura transparente. E vai à luta”:

O leitor aceita, pois sabe que ninguém é perfeito. Prefere ler alguém cuja posição diante de um acontecimento lhe é apresentada com clareza, do que acompanhar um texto onde o autor fica em cima do muro, sem se posicionar, camuflado atrás de uma falsa postura impessoal de que se encontra em busca da Verdade, assim mesmo com V maiúsculo (LIMA, 2009, p. 393).

A clareza e a transparência exigidas pelo pacto ético com o leitor não combinam com o afã de se fazer proselitismo, erguer bandeiras, tentar convencer. A mediação social da notícia apresenta-se como um serviço, parece querer afirmar o autor. o que se busca é “a compreensão mais profunda possível de por que as coisas são como são e por que os seres humanos agem como agem. Ponto” (LIMA, 2009, p. 393).

O segundo pacto envolve um dos tópicos mais difíceis dessa história, aponta Lima, que é a relação entre o autor e o seu personagem. Fatores como a humanização da relação e a imersão podem tanto contribuir para o nascimento de vínculos de apreço e amizade entre as partes, como podem gerar complicações. “Podem aparecer dependências humanas, projeções” (LIMA, 2009, p. 394). E tudo o que diz o autor assume uma relevância ainda maior e mais dramática no campo da produção de biografias e de perfis:

O autor, principalmente em histórias de caráter biográfico, vai precisar sentir uma admiração de algum tipo pelo personagem, senão a história não acontece. Depois, porém, na hora de escrever, precisa ter um distanciamento crítico. E então produzir seu texto de compreensão com lisura e elegância, onde, em busca de leitura do personagem na sua inteireza humana de aspectos nobres e outros nem tanto, vai se deparar com questões sensíveis. Escrevo isso ou rejeito tal questão que pode ser delicada? (LIMA, 2009, p. 394).

O terceiro ponto de que fala Lima é o pacto ético do autor consigo mesmo. “Todo mergulho intenso na realidade traz ao autor possibilidades de transformação”, argumenta Lima. “Ninguém sai de um processo de imersão honesta e profunda o mesmo que entrou. Algo pode mudar. Algo dessa magnitude deve estar sempre presente”, afirma Lima (2009, p. 396). Aqui, a conversa é sobre a responsabilidade – o saber responder para si mesmo pelo atos que pratica, pelas atitudes que toma, pelo texto que gera. Tão simples, talvez,

como a “ética do marceneiro”, para lembrar o saudoso Cláudio Abramo, em *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro* (ABRAMO, 1988). Mas tão difícil, às vezes.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Mais do que provar a relação umbilical do perfil jornalístico com o Jornalismo Literário, ocupei-me neste texto em trazer de novo à memória em que consiste, em grandes linhas, isso a que eu dei o nome de “berço espiritual” desse gênero de produção e expressão da mensagem jornalística.

E o fiz buscando o auxílio dos estudos e pesquisas, principalmente, de colegas brasileiros – e neste momento eu quero acrescentar a essa lista o nome de Mateus Yuri Passos, orientador da tese de doutorado, citado neste texto e um dos nomes que adquirem sempre maior expressão nos ambientes nacionais e internacionais do Jornalismo Literário, e, por extensão, do perfil jornalístico, com vários textos a respeito do tema.

Afirmar essa relação umbilical não significa negar a outros ambientes o direito de se valer de tudo quanto diz respeito à história, memória e prática do perfil jornalístico em benefício maior da tarefa de tecer os fios complexos do entendimento possível da contemporaneidade, o tempo por excelência do jornalismo.

Falar do perfil jornalístico nos dias que correm, de rápidas mudanças no jornalismo e, mais ainda, no mundo da vida, em função de tantas coisas acontecendo, sobretudo, no campo das inovações digitais, é acentuar sempre de novo o papel histórico fundamental dos personagens humanos nesse mesmo mundo. Sem esses personagens, por anônimos que sejam, heróis ou anti-heróis, nem história existe para contar. Nem jornalismo existe.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988).

BAK, John S.; REYNOLDS, Bill (Orgs.). **Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences**. Amherst e Boston: University of Massachusetts Press, 2011.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 15. Ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

CARRARO, Renata (Org.). **Elas amam o que fazem: perfis de mulheres jornalistas**. Jundiaí,

SP: In House, 2017.

CARRARO, Renata. **Narrar é preciso**: uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico. Tese de Doutorado em Comunicação Social. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard Lance (Orgs.). **Profile pieces**: Journalism and the “Human Interest” bias. Nova York e Londres: Routledge, 2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri/SP: Manole, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PANIAGO, Paulo. **Um retrato interior**: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade. Tese (Doutorado em Comunicação - Jornalismo e Sociedade. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

PASSOS, Mateus Yuri. Perfis: jornalismo enquanto arte. In: CARRARO, Renata (Org.). **Elas amam o que fazem**: perfis de mulheres jornalistas. Jundiaí, SP: In House, 2017, p. 21-31.

SIMS, Norman (Org.). **True stories**: a century of literary journalism. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2007.

TALESE, Gay. Frank Sinatra está resfriado. In: **Fama e anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros – 22 personagens e 1 ensaio. 3. ed. Barueri/SP: Manole, 2014a.

WERNECK, Humberto. **Vultos da República**: os melhores perfis políticos da revista Piauí. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.